

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ

CLÉBER JOSÉ BORGES SOBRINHO

A IMPLEMENTAÇÃO DO INGLÊS INSTRUMENTAL  
NO CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS DO  
CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO  
ESTADO SANTA CATARINA

São José  
2007

CLÉBER JOSÉ BORGES SOBRINHO

A IMPLEMENTAÇÃO DO INGLÊS INSTRUMENTAL  
NO CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS DO  
CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO  
ESTADO SANTA CATARINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Tecnólogo em Gestão de Emergências,  
Centro de Educação São José.

Orientador: Giovanni Matiuzzi  
Zacarias

São José  
2007

CLÉBER JOSÉ BORGES SOBRINHO

A IMPLEMENTAÇÃO DO INGLÊS INSTRUMENTAL  
NO CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS DO  
CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO  
ESTADO SANTA CATARINA

O Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de Tecnólogo em Gestão de Emergências e aprovado pelo Curso de Tecnologia em Gestão de Emergências da Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação São José.

Área de Concentração: .....

São José, ..... de ..... de 200....

Prof. Esp. Giovanni Matiuzzi Zacarias  
UNIVALI – CE de Biguaçu  
Orientador

Maj BM Evandro Carlos Gevaerd  
CBMSC – 1º BBM

Prof. Msc Ricardo Monteiro  
UNIVALI – CE de São José

## DEDICATÓRIA

Minha dedicatória destina-se a Sebastião Silvio Alves Borges, meu pai, e a Hilda Alves Borges (*in memoriam*), minha avó paterna; ambos sempre me incentivaram de diversas maneiras a fim de concretizar este trabalho e este curso, que para nós não é apenas uma oportunidade de emprego, mas sim o ideal de uma vida.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Todo Poderoso Deus que me dotou de capacidades físicas e intelectuais e força de vontade para concluir o Curso de Formação de Oficiais e o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Emergências.

Ao Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina por me aceitar juntamente com os demais cadetes do Corpo de Bombeiros Militar do Tocantins, além de me aplicar igual tratamento em relação a meus companheiros de turma.

Ao meu orientador Giovanni Matiuzzi Zacarias por demonstrar interesse, paciência e perseverança frente suas expectativas relacionadas a este trabalho, e claro por ser um grande incentivador e amigo.

## RESUMO

Após a conclusão do Curso de Formação de Oficiais os cadetes são promovidos a Aspirantes e passam por um estágio probatório, e quando são aprovados se tornam elementos pertencentes aos órgãos de direção. O oficial é um administrador de recursos e gestor de pessoas agindo como multiplicador de conhecimento. O trabalho em questão aponta a visão dos últimos formandos do Curso de Formação de Oficiais do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Santa Catarina em relação à necessidade do aprendizado do inglês instrumental como uma disciplina presente na grade curricular dos próximos Cursos de Formação de Oficiais para Bombeiros Militares, baseado nas experiências provenientes dos contatos com os militares em serviço ativo, tanto operacionais como administrativos, em função do conhecimento, ou ausência deste, no que se refere ao uso de instrumentos que exijam um conhecimento mínimo para a correta execução dos mesmos através de leituras e/ou entendimento de seus funcionamentos e aplicabilidades, variando de um computador a uma moto-bomba usada para desencarceramentos. Sempre ressaltando que todos os materiais, principalmente os de utilização operacional, são acompanhados de um manual de instrução, que quase sempre apresenta suas legendas em idiomas estrangeiros, sendo que entre estes idiomas o inglês é presente em sua quase totalidade, o que impossibilita um manuseio padronizado e uma maior durabilidade do material em questão.

**Palavras-chave:** inglês instrumental; curso de formação de oficiais; bombeiro militar

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Conhecimento do que é Inglês Instrumental.....	36
Gráfico 2 – Importância do Inglês Instrumental.....	36
Gráfico 3 – Pesquisas em sítios, revistas ou livros escritos em inglês.....	37
Gráfico 4 – Dificuldade para traduzir materiais de pesquisa escritos em inglês.....	37
Gráfico 5 – Dividiram o conhecimento adquirido nas pesquisas com outros militares..	38
Gráfico 6 – Traduziram manuais de instrução/procedimentos escritos em inglês.....	38
Gráfico 7 – Dividiram o conhecimento adquirido na(s) tradução(ões) com outros militares.....	39
Foto 1 - Motor do aparelho de ventilação/exaustão usado em combate a incêndio.....	40
Foto 2 - Rótulo de cuidado contido em um desencarcerador.....	41
Foto 3 - Desencarcerador movido à bateria.....	42
Foto 4 - Aviso de segurança para uso de uma moto bomba.....	43
Foto 5 - Maleta contendo kit para contenção de vazamento de produtos perigosos.....	44
Foto 6 - Rótulo de segurança do motor do aparelho de ventilação/exaustão.....	45

## LISTA DE APÊNDICE

APÊNDICE “A” – Questionário .....	39
-----------------------------------	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Análise Geral .....	35
Tabela 2 – Análise Específica da Questão 3 .....	35

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABM – Academia Bombeiro Militar  
APH – Atendimento Pré-Hospitalar  
Asp – Aspirante  
BBM – Batalhão Bombeiro Militar  
BM – Bombeiro Militar  
Cad – Cadete  
Cap – Capitão  
CBMSC – Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina  
CBMTO – Corpo de Bombeiros Militar do Tocantins  
CEBM – Centro de Ensino Bombeiro Militar  
CFO – Curso de Formação de Oficiais  
CFSd – Curso de Formação de Soldados  
Cmt – Comandante  
COBOM – Centro de Operações Bombeiro Militar  
EAP – English for Academic Purposes  
EBE – English for Business and Economics  
ESP – English for Specific Purposes  
ESS – English for Social Sciences  
EST – English for Sciences and Technology  
LE – Língua Estrangeira  
MEC – Ministério da Educação e Cultura  
PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso  
UnB – Universidade de Brasília  
UFPE – Universidade Federal do Pernambuco  
UFPEl – Universidade Federal de Pelotas  
USP – Universidade de São Paulo  
WWW – World Wide Web

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	12
1.1 Justificativa .....	13
1.2 Objetivos .....	14
1.2.1 Geral .....	14
1.2.2 Específicos .....	14
2. PROBLEMA DA PESQUISA .....	15
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	16
3.1 Organização militar.....	16
3.2 Hierarquia militar.....	17
3.3 Iniciação militar para o futuro oficial .....	17
3.4 O que é Inglês Instrumental .....	18
3.5 Histórico do Inglês Instrumental.....	19
3.6 Importância do Inglês Instrumental .....	21
3.7 Métodos de aplicabilidade do Inglês Instrumental .....	23
3.8 Variações do Inglês Instrumental .....	28
3.9 Desenvolvimento e expansão do Inglês Instrumental.....	29
4. METODOLOGIA .....	32
4.1 Participantes.....	32
4.2 Recursos.....	32
4.3 Instrumentos.....	33
4.4 Procedimentos e aspectos éticos .....	33
4.5 Análise e processamento de dados.....	33
6. INFORMAÇÕES ADICIONAIS .....	40
7. RECOMENDAÇÕES .....	46
8. REFERÊNCIAS .....	47

## **1. INTRODUÇÃO**

O trabalho a ser exposto tem o intuito de apresentar a necessidade da inclusão da disciplina Inglês Instrumental na grade curricular do Curso de Formação de Oficiais de Santa Catarina visando trazer ao profissional e a instituição uma maior aplicabilidade deste conhecimento, principalmente nas atividades que para sua realização dependam de produtos e equipamentos que possuam seus manuais de instrução e/ou etiquetas de funcionamento em idioma inglês, ou seja, praticamente todos.

O conhecimento adquirido com a disciplina visa enaltecer valores profissionais para que um oficial divida-o com operadores e mantenedores dos produtos e equipamentos supracitados, tendo estes um aproveitamento melhorado em suas atribuições em virtude da maior interatividade trabalhista entre operador e máquina.

## **1.1 Justificativa**

As observações e conversas realizadas durante aulas e convívio com demais militares despertaram o interesse de reforçar a aplicabilidade dos conhecimentos anteriormente adquiridos, mas que serão empregados com novas abordagens e correção de antigos erros, desenvolvendo novos conhecimentos técnicos através da leitura e correta tradução para operar os materiais utilizados nas atividades, fim e meio, do Corpo de Bombeiro Militar de Santa Catarina.

Vale ressaltar que dentro da área operacional a pesquisa técnica é fundamental para o sucesso durante o atendimento de ocorrências, todavia as pesquisas mais desenvolvidas e de fácil acesso estão disponíveis em diversos sites de busca, que em sua maioria são publicações e sites estrangeiros. Uma vez que tais pesquisas são sinônimas de custos, demanda de tempo e profissionais qualificados para realizá-las e que muitas vezes a instituição não preenche todos os requisitos, dispondo apenas dos profissionais para buscar o aprimoramento em horizontes devidamente capacitados para este fim.

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Geral**

- Apresentar a necessidade de incluir na grade curricular dos próximos Cursos de Formação de Oficiais a disciplina de Inglês Instrumental.

### **1.2.2 Específicos**

- Demonstrar a hierarquia militar presente no Corpo de Bombeiros de Santa Catarina;
- Definir quem são o Cadete e o Aspirante Bombeiro Militar;
- Levantar as vantagens de um bombeiro militar possuir conhecimento em Inglês Instrumental;
- Apontar as aplicabilidades do conhecimento de Inglês Instrumental no serviço Bombeiro Militar;
- Aplicar questionário à última turma que concluiu o Curso de Formação de Oficiais do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina; e
- Fazer recomendações baseadas na pesquisa e nos resultados dos questionários.

## **2. PROBLEMA DA PESQUISA**

Existe necessidade de incluir a disciplina de Inglês Instrumental nos Cursos de Formação de Oficiais do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Santa Catarina?

### **3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

#### **3.1 Organização militar**

As Polícias Militares estaduais brasileiras, consideradas forças auxiliares e reservas do Exército Brasileiro, foram reorganizadas com base no Decreto-Lei N° 667 de 02 de julho de 1969, assinado pelo então Presidente da República General Costa e Silva, prevendo definições e competências, estrutura e organização, hierarquia, instrução e armamento, justiça e disciplina e diversas prescrições. Posteriormente o Decreto-Lei N° 1.406 de 24 de junho de 1975, alterou o Art. 26 do Decreto-Lei N° 667 transformando-o em Parágrafo Único, e garantindo aos Corpos de Bombeiros Militares as mesmas prerrogativas das Polícias Militares

A LEI N° 6.218, de 10 de fevereiro de 1983 dispõe sobre o Estatuto dos Policiais Militares do Estado de Santa Catarina descrevendo sobre ingresso, hierarquia, disciplina, cargo e função Policial Militar. Para melhor entendimento deste trabalho é necessário ter conhecimento básico sobre a hierarquia militar do CBMSC, principalmente sobre as precedências dos Cadetes e Aspirantes BM.

Os militares do CBMSC se dividem em três círculos: oficiais, praças e praças especiais.

Os oficiais possuem três círculos internos:

- oficiais superiores: coronéis, tenentes-coronel e majores;
- oficiais intermediários: capitães; e
- oficiais subalternos: 1° e 2° tenentes.

Os militares pertencentes ao círculo das praças possuem dois círculos internos, são eles:

- subtenentes, 1°, 2° e 3° sargentos; e
- cabos e soldados.

As praças especiais são superiores hierárquicos das praças e subordinadas aos oficiais, e os militares pertencentes a este círculo são:

- aspirantes; e
- cadetes.

### **3.2 Hierarquia militar**

A hierarquia militar é caracterizada sob superioridade e precedência, conforme modo decrescente mostrado a seguir: Coronel, Tenente-Coronel, Major, Capitão, 1º Tenente, 2º Tenente, Aspirante, Cadete, Subtenente, 1º Sargento, 2º Sargento, 3º Sargento, Cabo e Soldado.

Atualmente, o ingresso nas fileiras da Corporação ocorre somente por concurso público. O militar adentra as fileiras ou como Cadete (que realizará o CFO visando promoção a Aspirante para tornar-se-á oficial BM) ou como Aluno Soldado (que realizará o CFSd visando promoção a Soldado). Como este trabalho está direcionado a inclusão da disciplina de Inglês Instrumental no CFO do CBMSC, será atentada as figuras o Cadete e Aspirante, conforme a LEI Nº 6.218, de 10 de fevereiro de 1983

### **3.3 Iniciação militar para o futuro oficial**

De acordo com histórico do Cadete Militar exposto pelo site do Exército Brasileiro (<http://www.exercito.gov.br/06OMs/Escolas/aman/indice.htm>), o primeiro Corpo de Cadetes foi criado em 25 de agosto de 1931, em uma solenidade no Campo de Marte da Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, com a presença do Chefe do Governo Provisório, Dr. Getúlio Vargas, além de Ministros, Generais e Almirantes da Guarnição da Capital Federal. Naquela cerimônia o Estandarte do Corpo de Cadetes foi apresentado e entregue a uma Guarda de Cadetes pelo Presidente Provisório. O Cadete ingressava como Praça Especial e após concluir com êxito o CFO era declarado Aspirante a Oficial, situação que vigora até os dias atuais nas academias militares.

O mesmo site menciona que os cadetes devem ser preparados progressivamente para que ao final do CFO estejam em condições de exercer funções de comando e liderança de pequenas frações, planejar, coordenar, orientar e conduzir o ensino profissional. Durante o curso os cadetes desenvolvem o espírito militar e o sentimento do dever, fazendo com que tenham a compreensão dos preceitos básicos da Corporação que abraçou, da disciplina e hierarquia, além do zelo pelo aprimoramento contínuo de seu caráter.

Após o término do CFO, o Cad BM é declarado Aspirante BM e será submetido a estágio probatório e sujeitar-se-á às normas da Corporação que estão em vigor, conforme o Art. 116 da Portaria Nº 119/CBMSC/2006.

### **3.4 O que é Inglês Instrumental**

Conforme Sedycias (2002a), o Inglês Instrumental, como a própria palavra expressa, consiste no treinamento instrumental da língua inglesa. Também é conhecido como Inglês para Fins Específicos e tem como objetivo principal capacitar o estudante, num período relativamente curto, a ler e compreender o essencial para o desempenho de determinada atividade. Ainda menciona que arcabouço metodológico no qual o ensino de inglês instrumental está fundamentado é em boa parte resultado de mais de vinte anos de pesquisas realizadas pelo Conselho Britânico com apoio do Ministério da Educação e colaboração de lingüistas ingleses e brasileiros, principalmente da Universidade de São Paulo (USP) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

De acordo com Instituto Britânico de Línguas (2004), o Inglês Instrumental visa, prioritariamente, a leitura e compreensão de livros, revistas, catálogos, manuais, instruções operacionais e todo tipo de publicação dirigida. A metodologia é bem diversificada, voltada ao enfoque da observação de elementos do texto que possam auxiliar na compreensão do conteúdo, como o título, desenhos, gráficos e palavras-chave. Outras habilidades da língua inglesa como ouvir, falar e escrever são tratadas como secundárias. Em alguns cursos de Inglês Instrumental ganham um pouco mais de espaço, mas sempre são desenvolvidas e utilizadas técnicas para dar suporte a melhor e mais rápida leitura e compreensão do texto. Recursos audiovisuais integram o material didático, mas isso vai da metodologia adotada por cada centro de ensino. O Inglês Instrumental alcança as áreas Biológica, Exata e Humana, sendo útil para o estudante e para o profissional de Medicina, Psicologia, Engenharia, Informática, Sociologia, Jornalismo, Biblioteconomia, Desenho Industrial, etc., em todos os ramos da pesquisa, do trabalho e da especialização. No mundo atual, globalizado, onde a competição exige diferenciação para a conquista individual, o Inglês Instrumental é, hoje, ferramenta essencial.

### 3.5 Histórico do Inglês Instrumental

Segundo Sedycias (2002a apud CRUZ, 2001), historicamente, o enfoque dado à leitura dentro do processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira tem variado de acordo com a corrente metodológica atual. Até o final da década de 40, esse processo estava centrado na leitura e tinha por base somente o método do ensino da gramática e da tradução. A partir da Segunda Guerra Mundial, e também por causa dela, desenvolveu-se o método áudio-lingual baseado nas teorias behavioristas da época, com o propósito de ensinar idiomas europeus aos soldados americanos que partiam para o campo de batalha. Conclui-se com isso que o aprendizado de idiomas estrangeiros está relacionado a questões militares.

A história do Inglês Instrumental, conforme CRUZ (2001, p.30), é contada de forma que o Inglês Instrumental surgiu no final da década de 70 a partir da demanda feita aos departamentos de Letras Anglo-Germânicas ou de Línguas Modernas por cursos de inglês especializados para vários departamentos de ciências pura e aplicada. Originalmente, o Inglês Instrumental foi concebido e conhecido internacionalmente como “ESP”, cuja finalidade da leitura era direcionada para as diferentes áreas de atuação do estudante e era geralmente voltada para ciência e tecnologia. Em algumas universidades, essa disciplina era oferecida como Inglês Técnico. O objetivo era a leitura, interpretação e compreensão de textos e não a conversação ou tradução integral dos textos estudados. Com o passar do tempo, a técnica ESP passou a ser denominada de Inglês Instrumental e adquiriu um enfoque mais geral naquilo que se refere à escolha dos textos por área específica. O ESP vem sendo aplicado não apenas em universidades, mas também em escolas técnicas, em cursos preparatórios para leitura de textos de vestibular, de concursos públicos, em algumas escolas de primeiro e segundo graus e também em cursos preparatórios para candidatos à seleção aos cursos de Mestrado e Doutorado.

Afirma Nardi (2005), que o projeto de Inglês Instrumental no Brasil teve desenvolvimento tão impactante que atingiu toda nação. Em 1978 nasceu o projeto de ensino de Inglês Instrumental em sua fase experimental, para ver se havia ou não resposta favorável a um projeto dessa natureza. Em 1980, o projeto começou oficialmente, financiado por agências nacionais e estrangeiras, estendendo-se até 1989 nas universidades e depois para as escolas técnicas. Após este período, tornou-se auto-

sustentável, com a participação de mais de setenta entidades, entre universidades, escolas técnicas e outras. O projeto passou por várias transformações. Começou voltado para universidades e depois de cinco anos, as escolas técnicas se envolveram oficialmente. Aos poucos foi expandindo, buscando participação de outras entidades educacionais, tendo hoje uma grande variedade de participantes. A novidade é a adesão a outros idiomas, inclusive o latim. No Brasil, de um modo geral, Inglês Instrumental é uma das inúmeras abordagens do ensino de língua inglesa que trata do inglês como língua técnica e científica, focaliza o emprego de estratégias específicas. Seu objeto de ensino é o texto científico. O estudo da gramática restringe-se ao mínimo necessário, sendo normalmente associada ao texto. Como o Brasil quase não visa à comunicação oral em inglês, é comum o emprego da língua portuguesa no momento de ministrar a aula, bem como as instruções para os exercícios também são em língua materna. O projeto de iniciação começou voltado exclusivamente para o estudo da leitura, porque pela própria natureza, o ensino instrumental deve se basear nas necessidades de quem vai aprender esta língua. Um levantamento feito por pesquisadores da área apontou que a necessidade principal nas universidades e escolas técnicas era ter acesso à leitura de uma forma mais eficiente e rápida. Com a adesão de escolas não técnicas e mesmo dentro das universidades foi necessário dar atenção a outras habilidades, como a escrita, a fala e a compreensão.

O Instituto Britânico de Línguas (2004) aponta que quando as pessoas pensam em aprender o idioma inglês geralmente imaginam ficar aptas para a linguagem padrão, usada pela maioria, mas se esquecem que há momentos em que precisarão decifrar o inglês específico utilizado nas publicações técnicas e científicas, e recheado de termos e conotação próprios dos mais variados assuntos. No Brasil, o ESP foi desenvolvido por lingüistas ingleses e brasileiros a partir da década de 70. Mais tarde ficou conhecido como Inglês Instrumental, sendo continuamente aperfeiçoado com a colaboração de profissionais do MEC, e cada vez mais reconhecido como disciplina em universidades e demais instituições de ensino como, por exemplo, escolas de inglês, algumas escolas de primeiro e segundo graus que enfocam o vestibular, cursos preparatórios para concursos públicos e para Mestrado e Doutorado.

### **3.6 Importância do Inglês Instrumental**

Para Cruz (2001, p. 32) é indiscutível a importância do conhecimento da língua inglesa nos cursos universitários atuais já que ele considera a competitividade do mercado e a necessidade de atualização constante de informações científicas e tecnológicas e as dificuldades das traduções de artigos, livros, revistas e outras publicações em tempo hábil, ou seja, com a mesma velocidade em que são escritos. Com base nisto as universidades decidiram alterar o enfoque do ensino de inglês como língua estrangeira, passando do estudo sistemático de vocabulário e regras gramaticais para um estudo mais abrangente de textos autênticos retirados das próprias fontes de informação. E a nova maneira de ler textos em inglês envolve estratégias de leitura, como: fazer previsões do conteúdo do texto a partir da análise de títulos, gráficos e ilustrações e do acionamento do conhecimento de mundo e conhecimento prévio do assunto pelo leitor, concentrar a atenção nas palavras cognatas e deduzir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto, procurar informações específicas ou fazer uma leitura rápida para verificar a idéia central do texto sem se preocupar com o conhecimento isolado de cada palavra ou com vocábulos desconhecidos. Essa nova abordagem foi denominada Inglês Instrumental e geralmente não inclui o estudo da língua falada, somente a escrita, já que o seu objetivo primordial é preparar os alunos para a habilidade da leitura e interpretação escrita e não para a comunicação oral. Os resultados têm sido eficazes onde esta metodologia tem sido empregada.

Em conformidade com Moreira (2007), a informação é uma ferramenta de trabalho importante e o conhecimento de outro idioma, em especial o inglês, se tornou fundamental para o acesso a informações mais diversificadas, mesmo tendo o conhecimento de que existe uma boa quantidade de material para pesquisa em português, não há como negar que a disponibilidade é muito maior na língua inglesa. Trabalhos acadêmicos, mesmo os produzidos por profissionais que não têm o inglês como língua materna, são muitas vezes escritos ou vertidos posteriormente para o inglês, para que o trabalho consiga alcançar um público maior e mais diversificado. Por exemplo, na admissão ao mestrado e também em alguns cargos públicos o inglês é matéria obrigatória e eliminatória, sem mencionar que cada vez mais está sendo cobrado em empresas. Em boa parte, se tratando das empresas multinacionais, não é exigida a comunicação verbal, mas sim a capacidade de ler e compreender perfeitamente textos

acadêmicos ou manuais de trabalho. Eventualmente também é exigida a capacidade de escrever em inglês, para comunicação no trabalho ou para redação de pequenos textos, como no caso da admissão ao doutorado. Os cursos de inglês, mesmo os que se propõem a ser de curta duração, levam muito tempo para passar aos alunos essas informações, já que também têm a finalidade de levar o aluno a falar fluentemente o inglês, algo que requer muito mais tempo e aplicação.

Recla (2006) resume em seu documento que a aprendizagem de Inglês Instrumental torna-se importante no âmbito social, pois fornece recursos necessários para o contato do ser humano no mundo globalizado. Por isso a autora afirma que conhecer um novo idioma nos dias atuais é ter um passaporte para o ingresso na sociedade da informação e que se trata de uma porta para o mundo científico e cultural, além de ser uma via de acesso ao mundo dos negócios e do lazer. Logo, estar contextualizado ao que acontece em todo o mundo, como também atuar de forma dinâmica e consciente a partir dessas informações, é um dos requisitos fundamentais da vida moderna. O avanço da tecnologia e da informação, fez com que todas as modificações ocorridas no contexto contemporâneo acontecessem muito mais rápidas e essenciais ao desenvolvimento humano, se comparado há alguns anos, e isso exigiu e ainda exige do ser humano maiores e melhores raciocínio, dinamismo e contextualização. Por este motivo o aprendiz deve estar atento a todas as transformações que acontecem na sociedade, por exemplo, o acompanhamento da demanda das exigências do mercado de trabalho; para tanto que a aprendizagem de uma segunda língua torna-se primordial, pois ela fornece subsídios necessários para o contato do ser humano no mundo globalizado, e, nesse meio que a língua inglesa emerge como a principal língua na sociedade da informação, já que assumiu um tom universal e se constitui como a forma da comunicação verbal mais utilizada. Baseado em tais afirmações, a supremacia da língua inglesa sobre as demais é evidente e cada vez mais o ser humano precisa utilizá-la para que possa entender o que se passa ao seu redor, seja para acessar a Internet, seja para ler o rótulo de determinado produto em um supermercado, entre outros.

Por ser um elemento essencial ao mercado de trabalho, Recla (2006) diz que se faz necessário aprender uma LE por constituir um requisito importante para o sucesso profissional. Isso ocorre com funcionários que atuam no exterior ou que, freqüentemente, precisam viajar e também com professores de LE, tradutores, intérpretes, homens de negócios, etc. Outros necessitam aprender uma LE por exigência

de muitas universidades e escolas para o ingresso em seus cursos, como também para o estudo em outro país ou com a finalidade de pesquisa em outra língua, seja uma pesquisa rápida ou a tradução de material escrito na língua inglesa. Há pessoas que necessitam aprender para se comunicar com interlocutores que falam esses idiomas. Neste contexto que o Inglês Instrumental aparece como um elemento diferencial na formação de um profissional de área específica. Os conhecimentos do inglês passaram a ser valorizados, sendo cada vez mais aplicado como um pré-requisito, determinando até mesmo a conquista por uma vaga no mercado de trabalho. Com o advento da globalização, o conhecimento do Inglês Instrumental pode beneficiar para se atingir cargos mais altos, já que o conhecimento deste idioma é muito exigido em vagas específicas. Isso ressalta que o Inglês Instrumental objetiva desenvolver estratégias de leitura e compreensão textual que capacitem o aprendiz a ler e compreender textos autênticos em Inglês.

A finalidade do Inglês Instrumental, segundo Vieira (2002), é auxiliar o estudante a “ler” em inglês, mesmo que este tenha pouco ou nenhum conhecimento desta língua, mas o fato de possuir o conhecimento da língua materna é um elemento facilitador para compreensão de um texto escrito em qualquer língua. Em função dista, a autora aponta que o estudante domina ou têm condições de dominar, procedimentos que o auxiliarão na compreensão de um texto escrito.

### **3.7 Métodos de aplicabilidade do Inglês Instrumental**

Por Sedycias (2002a), sobre o funcionamento do Inglês Instrumental, foi escrito que a metodologia utilizada tem como premissa básica encaminhar o aluno para a descoberta de suas necessidades acadêmicas e profissionais dentro de um contexto autêntico, oriundo do mundo real. Portanto, o curso típico de Inglês Instrumental é elaborado a partir do levantamento de situações em que o conhecimento específico da língua inglesa permite ao aluno desempenhar melhor uma função lingüística específica. Ainda é afirmado que pesquisas demonstram que o ensino de uma língua estrangeira orientada para o desenvolvimento de habilidades específicas tem apresentado excelentes resultados. A motivação do aluno é aumentada pelo rápido aprendizado, tornando-o auto-suficiente para o desempenho de suas funções e incentivando-o a buscar o seu próprio desenvolvimento e aperfeiçoamento.

Para Nardi (2005), para aplicar o Inglês Instrumental é necessário, primeiramente, saber o que é instrumental. Já que ele parece, às vezes, se limitar à habilidade de leitura, quando o centro é o desenvolvimento de habilidades específicas, sabendo-se a necessidade do aluno. O instrumental pode ser voltado para qualquer habilidade, contanto que esteja baseado na análise das necessidades dos alunos, por exemplo, se um aluno quer ser guia de turismo, vai fazer o instrumental e o oral.

Sobre o método de ensino, Sedycias (2002b) acredita que uma LE deva ser ensinada no contexto de sua cultura e que o professor deva estar bem informado sobre esse aspecto da língua e sempre que possível a língua-alvo deve ser enfocada e estudada em contexto, não somente lingüístico, mas também social e situacional. A aprendizagem de um idioma estrangeiro deve ser ativa e agradável além de enfatizar a auto-expressão do aprendiz, já que a motivação deste é profundamente influenciada pelo seu desejo de se comunicar de forma significativa sobre tópicos relevantes. Em relação às questões gramaticais, uma maneira de esclarecer as perguntas, que os estudantes invariavelmente fazem durante as aulas dedicadas às aquisições de competência comunicativa na língua-alvo, é lidar com essas perguntas sempre usando o idioma estrangeiro. Dessa forma a principal exigência da competência comunicativa poderá ser cumprida, já que uma situação contextualizada estará sendo produzida, na qual tanto o professor como os alunos interagem e se comunicam de forma significativa e natural sobre tópicos relevantes para ambos usando a língua-alvo.

O *modus operandi* empregado por Sedycias (2002b) na UnB, e que ele pretende continuar usando na UFPE nas aulas de língua estrangeira, que faz e farão uso extensivo da internet, é relativamente simples, já que parte de sugestões de seus alunos ou a partir da própria percepção de quaisquer dificuldades que eles, os alunos, possam estar tendo com a língua-alvo. A informação na Internet é aplicada para lidar com esse problema. O material colocado no ar será lido e analisado pelos alunos em casa, discutido e exercitado durante as aulas na forma de um contexto comunicativo e, a partir do retorno que recebe deles, as mudanças ou adições necessárias vão sendo feitas. Os alunos voltarão a analisar e exercitar o mesmo material e depois, em conjunto com o professor, seguirão adiante a partir desse ponto até atingirem domínio comunicativo da estrutura em questão.

Sedycias (2002a) aponta que com o desenvolvimento do método áudio-lingual a leitura foi praticamente ignorada tendo sido, inclusive, considerada prejudicial à

aquisição de uma boa pronúncia quando apresentada ao aprendiz antes que este tivesse adquirido fluência oral. A leitura objetivava o domínio de habilidades e fatos isolados através da decodificação mecânica de palavras e da memorização pela repetição. O aprendiz possuía um papel passivo, de um instrumento receptor de conhecimentos vindo de fontes externas. Com o desenvolvimento das ciências cognitivas, essa idéia foi aos poucos sendo reavaliada. Os objetivos da leitura passaram a ser a construção de significados e o aprendizado auto-regulado. O processo de leitura é concebido como uma interação entre o leitor, o texto, e o contexto; o leitor passa a se comportar como um sujeito ativo, usuário de estratégias e um aprendiz cognitivo. Baseado nesses pressupostos, os pesquisadores de leitura acreditaram que o significado não está contido nas palavras contidas na página. O leitor constrói significados, fazendo inferências e interpretações. A informação é memorizada em estruturas de conhecimento organizadas. A essência da aprendizagem constitui em ligar novas informações ao conhecimento prévio sobre o tópico, a estrutura ou o gênero textual e as estratégias de aprendizagem. A construção de significados depende, em parte, da habilidade do leitor de refletir e controlar o processo de aprendizagem (planejar, monitorar a compreensão, e revisar os usos das estratégias e da compreensão), e das suas crenças sobre desempenho, esforço e responsabilidade. A leitura vem, justificadamente, readquirindo posição de destaque no ensino de línguas, já que ela é fonte de diversos tipos de informação sobre a língua estrangeira, o povo que a fala e sua cultura, além de ser o contexto ideal para a apreensão de vocabulário e sintaxe em contextos significativos, permitindo ao aprendiz mais tempo para a resolução de problemas e a assimilação das novas informações apresentadas. A leitura, portanto, é fundamental ao aperfeiçoamento das demais habilidades e ao aumento do conhecimento. Assim, o número de estudos sobre a leitura e os seus múltiplos aspectos cresceu muito nas últimas décadas, principalmente após os desenvolvimentos da análise do discurso. Nessa linha, destacam-se os estudos centrados na aquisição e no processamento da leitura, na teoria de esquemas e nas estratégias de leitura para o uso instrumental da língua.

Sobre a influência da internet no auxílio à divulgação do Inglês Instrumental, Sedycias (2002b) começou a estudar as línguas de programação da WWW em 1996, e desde 1999 passou a usar a internet como um importante componente em suas aulas de LE na UnB. A internet oferece muitas possibilidades, tanto de busca e pesquisa como para comunicação, e até o momento tem demonstrado ser um excelente fórum e

instrumento de ajuda pedagógica para o Professor Sedycias e seus alunos, principalmente nas discussões relacionadas como abordar e elaborar novas maneiras para melhor compreensão e domínio de certas questões problemáticas das línguas inglesa e espanhola em relação à língua portuguesa.

O uso da Internet em cursos de LE é feito para atingir dois objetivos: o primeiro é lidar direta e especificamente com as necessidades acadêmicas dos alunos, e o segundo é para dar aos alunos um sentido de autodeterminação e a possibilidade de eles participarem no processo de ensino-aprendizagem, no qual passam a desempenhar um papel mais participativo. Ao usar esse modelo, o professor pode atender às necessidades de seus alunos de maneira interativa, rigorosamente pesquisada e que remete às expectativas e aspirações acadêmicas dos mesmos. É claro que vale ressaltar que esta metodologia funcionará somente se os alunos demonstrarem interesse e dedicação no aprendizado de uma LE. Ao invés de receberem quase toda informação de um livro e/ou texto que provavelmente não foi escrito pensando neles, os alunos agora possuem à sua disposição informação formalizada sobre a língua-alvo que de fato reflete seus próprios insumos e necessidades.

Com base na experiência na UnB, Sedycias (2002b) afirma que a melhora em termos de disposição na sala de aula por parte dos alunos tem sido significativa e visível. Isso acontece, crendo ele, porque esses estudantes podem ver algo neles mesmos durante a exposição da aula. Ele também menciona que o projeto do curso deixa de ser elaborado apenas pelo professor ou pelo autor do livro texto, e passa a ser construído pelos próprios alunos. Os alunos invariavelmente se orgulham desse projeto de grupo e na maioria das vezes atingem um nível de desempenho considerado elevado, geralmente superior do que se fosse aplicado um modelo mais passivo, menos interativo e menos envolvente.

Não obstante para Moreira (2007) o Inglês Instrumental, que na verdade é conhecido nos meios acadêmicos como "Inglês para Objetivos (ou Fins) Específicos", tem a vantagem de suprir o aluno com as ferramentas básicas para aplicação quase imediata no que se refere à leitura e interpretação de textos e escrita, e ainda prepara o aluno para o caso de, no futuro, ele pretender ingressar em um curso regular de inglês para aprofundar os seus conhecimentos e desenvolver a conversação. Nas aulas de inglês instrumental Moreira (2007) descreve que usa a sua experiência como tradutora para desenvolver a compreensão de textos de maneira geral, inicialmente, partindo

depois para a análise de textos específicos da área de interesse de cada aluno. Por essa razão, o curso atende às necessidades de pessoas de todas as áreas. Em sua metodologia, ela visa qualidade e o bom rendimento, por isso suas aulas são para pequenos grupos (quatro a seis pessoas), e são realizadas em local de fácil acesso aos sábados pela manhã ou em algum outro dia da semana, geralmente à noite, para atender um público diversificado. O material didático é fornecido durante as aulas e já está incluído nos valores cobrados. O tempo estimado para a conclusão do curso é de 4 a 6 meses, dependendo da carga horária mensal escolhida pelos alunos.

Para MORR (1999), o ensino de língua inglesa como LE pode ser visto sob várias óticas. Em seus estudos, ela aponta que o ensino das quatro habilidades, o que habilita o aprendiz a se comunicar em língua inglesa oralmente e por escrito. E também, o aluno que deseja apenas ler e compreender textos escritos em língua estrangeira, com o objetivo de ler textos de sua área para melhorar sua atuação em uma área específica. Ao ensino dessa habilidade, conhecido em inglês como ESP ou EAP, deu-se o nome de Inglês Instrumental, no Brasil. Ela ainda afirma em suas palavras que ler é compreender, interpretar, e, sobretudo, para construir o significado e o conhecimento é necessário desenvolver um repertório lingüístico e lexical (baseado em dicionários), além de conhecimento de mundo no nosso aluno, ao mesmo tempo em que ele está lendo.

Adiciona ainda, MORR (1999), que na UFPel, o ensino de Inglês Instrumental é baseado na idéia de que quando os aprendizes estão desenvolvendo a habilidade de leitura, eles não estão apenas aprendendo um conjunto de estratégias, mas sim adquirindo uma rede de estratégias para lidar com o texto, o que não quer dizer que não existe instrução direta, mas sim que a instrução está dentro dos eventos de leitura significativos e autênticos. Esta metodologia incentiva os alunos a usarem as palavras-chave (pistas) que o texto oferece, como por exemplo: predição, dicas de contexto, palavras cognatas e/ou repetidas, sinais gráficos e figuras, conhecimento de mundo e conhecimento prévio de sistemas lingüísticos. Vale mencionar que tal metodologia pressupõe que a leitura deva ser uma tarefa agradável e que todos deverão ter sucesso, cada um no seu devido tempo, no domínio e na habilidade de leitura. Como o ser humano está “programado” para adquirir linguagem, a única coisa necessária para desenvolver a leitura em LE é um aluno motivado, uma oportunidade e o prazer que a leitura gera naturalmente, lembrando que tudo isso deverá ocorrer desde que o professor

não transforme a leitura em uma atividade maçante e para isso, o professor precisa ter conhecimento sobre texto e leitura.

Com base no exposto anterior é que MORR (1999) descreve que para o ensino de Inglês Instrumental e para qualquer ensino de línguas estrangeiras que envolvem um texto é importante esclarecer que tipo de texto é esse que está sendo considerado tão importante na formação de um cidadão crítico. A maioria dos textos encontrados nos livros didáticos de ensino de LE tende a ser insatisfatórios, porque o verdadeiro propósito da leitura é continuamente escondido pelos objetivos de melhorar o nível da língua. Estes textos são criados e modificados, para incluir diversos exemplos gramaticais, que são o objetivo da unidade. Geralmente estes textos não têm nada a acrescentar ao aluno, pois o autor está tão concentrado na gramática, que ele esquece a necessidade de ter uma mensagem. Em virtude disto, o aluno não tem a oportunidade de praticar as estratégias de leitura, tornando a aula altamente monótona e prejudicial quando comparada ao que poderia ser aprendido e desenvolvido.

### **3.8 Variações do Inglês Instrumental**

Vian Jr (1999) defende que existe mais de um tipo de Inglês Instrumental, que embora muito similares, parece que ocorrem duas tendências e se dividem na área de ensino instrumental, ambas, no entanto, preocupam-se com as necessidades do aprendiz, ou seja, se o aprendiz precisa de inglês para fins acadêmicos ou profissionais. A primeira tendência preocupa-se em distinguir os tipos de aprendizes usando o termo Inglês Instrumental como guarda-chuva para abarcar duas áreas: uma para fins acadêmicos e outra para fins ocupacionais. A segunda tendência, por sua vez, preocupa-se em primeiramente distinguir as áreas e, só a partir daí, apresentar os tipos de aprendizes em cada uma. A primeira vertente apresenta uma primeira divisão: ocupacional e vocacional e, dentro dela, apresenta os tipos de aprendizes inseridos em cada uma, se já têm experiência prévia no campo de trabalho ou se não são familiarizados com o assunto. A segunda, por sua vez, apresenta primeiramente as três grandes áreas - inglês para ciência e tecnologia “EST”, inglês para negócios e economia “EBE” e inglês para ciências sociais “ESS” e, somente a partir delas, é que surgem as ramificações ocupacionais e acadêmicas. Como se pode observar os tipos de Inglês

Instrumental estão estritamente focados no aprendiz e preocupam-se em definir as áreas, assim como produzir materiais em função de seus objetivos.

### **3.9 Desenvolvimento e expansão do Inglês Instrumental**

No desenvolvimento do Inglês Instrumental, Fonseca (2005) menciona que se deve tomar como suporte teórico, o uso de recursos lingüísticos, além da identificação e comparação de estruturas gramaticais e o uso de afixos e de cognatos no processo de leitura, ou decodificação de mensagens. Todavia, também se deve atentar para a necessidade de habilidades lógicas por parte do leitor. Logo, a experiência de leitura assegura uma organização melhorada e disposição dos raciocínios na decodificação das mensagens. Dessa maneira, é importante ressaltar que a aquisição de suportes teóricos a fim de efetivar uma leitura eficiente demanda uma aproximação da língua-alvo de modo lento e gradual e aos poucos já se vai aplicando um vocabulário controlado e direcionado.

Para Fonseca (2005), a busca do sentido/significado explicita a utilização de estratégias de leitura que não existe discurso possível fora da função de assimilação, de semelhança, de projeção identificadora da língua enquanto signo (da palavra, dos sememas). Num segundo momento, no processo de ensinar meios de buscar uma compreensão em uma LE (no caso a inglesa), o mecanismo põe em cena uma unidade maior: a frase com seus elementos e sua dependência. Por exemplo, a utilização das desinências (verbal, temporal, gênero, número, comparação, pronominal, etc.). Os manifestos na palavra cotidiana apesar de posterior e secundário no processo da escritura, devem ser vistos antes de uma leitura conforme ao senso comum. Ao empregar estratégias de leitura, o leitor, que desconhece a língua-alvo, reencontrará a narrativa que se organiza como uma frase estruturada. A verdadeira narrativa começa apenas após a trama da conjunção simbólica numa primeira instância. Porém, a maioria daqueles que utilizam o Inglês Instrumental demonstram dificuldades semelhantes enquanto usuários de estratégias de leitura. O verdadeiro reconhecimento é uma narrativa, certamente, por exigir certo domínio sobre as inferências e interpretações. A essência da aprendizagem nada mais é que ligar novas informações ao conhecimento prévio sobre o tópico, a estrutura ou o gênero textual e as estratégias de aprendizagem. A construção de significados depende, em parte, do conhecimento, da habilidade do

leitor de refletir e controlar o processo de aprendizagem (planejar, monitorar a compreensão, e revisar os usos das estratégias e da compreensão), bem como das suas crenças sobre desempenho, esforço e responsabilidade. Esta leitura vem, justificadamente, readquirindo posição de destaque no ensino de língua, já que ela é fonte de diversos tipos de informação sobre a LE, o povo que a fala e sua cultura, além de ser o contexto ideal para a apreensão de vocabulário e sintaxe em contextos significativos, permitindo ao estudante mais tempo para a resolução de problemas e a assimilação das novas informações apresentadas. A leitura, portanto, é fundamental ao aperfeiçoamento das demais habilidades e à expansão do conhecimento. Assim, o número de estudos sobre a leitura e os seus múltiplos aspectos cresceu muito nas últimas décadas, principalmente após os desenvolvimentos da análise do discurso. Nessa linha, destacam-se os estudos centrados na aquisição e no processamento da leitura, na teoria de esquemas e nas estratégias de leitura para o uso instrumental da língua. A formalização axiomática, por exemplo, mesmo sendo prática semiótica simbólica, não é um sistema fechado: ela está, aberta a todas as práticas semióticas, ou seja, não observando apenas as palavras, mas gestos, feições, imagens, ritos, etc. Portanto, uma leitura pode ocorrer de modo diferente para diferentes finalidades. As várias razões que nos levam a ler diferentes textos influenciam no modo de lê-los. Por isso o Inglês Instrumental tem como suporte teórico o uso de recursos lingüísticos bem como a identificação e comparação de estruturas gramaticais e o uso de afixos e de cognatos tocantes à língua em questão. Logo uma leitura através do Inglês Instrumental, embora não dependa apenas daqueles recursos, demanda habilidades lógicas do leitor. A experiência de leitura do leitor pode conferir-lhe uma melhor organização e disposição dos raciocínios na decodificação da mensagem. Sendo assim, o processo de leitura é concebido como uma interação entre o leitor, o texto, e o contexto; o leitor passa a ser visto como um sujeito ativo, um bom usuário de estratégias e um aprendiz cognitivo. Com base nesses pressupostos, os pesquisadores de leitura acreditam que o significado não está contido nos resultados da página, isto é, o leitor constrói significados.

Neves (2008) lembra que os Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, em 1945, expandiram nas atividades científicas, técnicas e econômicas a níveis internacionais. Tal expansão foi dominada por duas forças que unificavam o mundo: a tecnologia e o comércio, e seus progressos geraram uma necessidade de uma língua internacional. O poder econômico dos Estados Unidos impunha que as pessoas de todo

o mundo aprendessem inglês, mas não por prazer ou para adquirir prestígio, e sim porque o inglês passou a ser a chave da circulação internacional da tecnologia e do comércio. Assim, tornou-se imprescindível a aprendizagem desta língua para fins específicos.

Em total linha de concordância, Pagasnotto (2008) confirma que o Inglês Instrumental teve seu aparecimento após a Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos tiveram expansão significativa nas atividades técnicas, científicas e econômicas. E também reafirma que o poder alcançado pelos americanos exigiu que o mundo aprendesse inglês, tornando este idioma a chave da circulação internacional da tecnologia e do comércio. Ocorreram transformações tecnológicas, e em consequência veio a revolução lingüística, e com isso o ensino da língua inglesa passou a apresentar particularidades, que se tornaram evidentes, ou seja, o inglês da Engenharia, da Medicina, da Economia, e das demais áreas de atuação profissional, tinha seus termos específicos e esta variante passou a ser enfatizada. Em virtudes de tal expansão desde o fim da Segunda guerra Mundial, é que hoje é indiscutível a importância do conhecimento da língua inglesa. Se considerar a competitividade, as necessidades de atualização constante de informações científicas e tecnológicas e as dificuldades de traduções de artigos, livros e outras publicações, conclui-se que realmente é necessário que o aluno ou o profissional estejam aptos a enfrentar e acompanhar esse desenrolar dos fatos em suas áreas específicas, garantindo melhor colocação no mercado de trabalho.

## **4. METODOLOGIA**

### **4.1 Participantes**

Os participantes foram escolhidos em virtude de já terem concluído o CFO pelo CBMSC e por terem convivido com militares na ativa que exercem atividade fim ou meio. O convívio em questão se fez presente ao término do CFO, quando os participantes foram distribuídos pelo Estado de Santa Catarina da seguinte maneira: 02 (dois) em Florianópolis, 01 (um) em Curitiba, 02 (dois) em Criciúma, 02 (dois) em Itajaí, 01 (um) em Chapecó, 01 (um) em Blumenau e 01 (um) em Lages.

Por tais motivos os participantes convidados são todos os 10 (dez) concluintes do primeiro CFO do CBMSC. Vale ressaltar que entre os escolhidos, 07 (sete) já exerceram atividade militar anterior ao CFO, o que demonstra que estes já possuíam contato com o serviço militar e com outros militares, sejam da mesma Corporação ou não.

Os participantes também foram escolhidos pelo motivo de que seu CFO não apresentou Inglês Instrumental em sua grade curricular; juntamente a isto o questionário visa apontar que após a formação, os participantes observaram a necessidade de saber ler e interpretar os textos e informações escritas em inglês, tanto por eles como pelos demais BM.

### **4.2 Recursos**

Os recursos resumem a acesso a sítios, trocas de emails com autores de trabalhos e artigos, pesquisa em material físico escrito (livros e revistas) e elaboração e aplicação de questionário.

Para o questionário, o principal recurso utilizado foi a correspondência via email, após autorização do Cmt da ABM, sendo que o envio do questionário aos participantes foi realizado pelo próprio Cmt da ABM.

Também foram utilizados livros, revistas, artigos e acessos a sítios que continham em seu conteúdo documentos que demonstravam aplicação e benefícios do inglês instrumental que pudessem apresentar alguma valia para elaboração e aplicação do questionário.

### **4.3 Instrumentos**

Para confecção deste TCC foram utilizados como instrumentos as seguintes fontes de informação: sítios, revistas, livros, artigos e elaboração e aplicação de questionário.

O instrumento diferencial foi o questionário, porque o elemento avaliador não foi retirado de nem uma fonte de informação, ou seja, ele não é material pronto, mas sim um material desenvolvido pelo autor do TCC, sob observação e supervisão do orientador. Posteriormente o questionário foi apresentado ao comandante da ABM, que emitiu autorização para a aplicabilidade do mesmo aos concluintes do último CFO do CBMSC.

Deve ser ressaltado que o questionário foi enviado pelo Cmt da ABM via email no dia 07 de março de 2008 para todos participantes com prazo de entrega, determinado pelo próprio Cmt, para o dia 14 de março de 2008.

Dos dez participantes solicitados para participação do questionário nove responderam; o que remete a uma precisão de 90% em relação à última turma concluinte do CFO do CBMSC.

### **4.4 Procedimentos e aspectos éticos**

Para aplicabilidade deste questionário foi levado em consideração os quesitos de disciplina e hierarquia, já que os avaliados são superiores hierárquicos do avaliador.

Outra característica considerada foi a explicação, contida no próprio questionário, que os nomes dos avaliados não seriam divulgados no TCC; todavia o avaliador saberia quem respondeu o questionário em virtude da entrega do mesmo ser feita via email.

Não foram abordados no questionário questionamentos que envolvessem aspectos religiosos, etários, familiares e nem discriminativos, já que tais detalhes pessoais não estavam relacionados aos objetivos deste TCC.

### **4.5 Análise e processamento de dados**

Os dados, obtidos com a aplicação do questionário, foram analisados, em seguida expostos em modelo tabela; e seu processamento, para visualização, em gráfico estilo “pizza”.

Posteriormente as respectivas análises.

Após as apresentações das tabelas, dos gráficos e das devidas análises, o autor apontará suas observações para em seguida realizar seus direcionamentos/apontamentos.

## 5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

A seguir serão apresentadas as tabelas, juntamente com suas respectivas questões, em análise ao questionário aplicado aos BM formados no último CFO do CBMSC.

Em caso de dúvidas sobre as questões relativas ao questionário poderá ser consultado no Apêndice A.

Vale ressaltar que as questões 5 e 6 só serão respondidas no caso da questão 4 tiver obtido resposta positiva do avaliado. O mesmo vale para a questão 8, que depende de uma resposta positiva da questão 7; e a questão 12, que depende de resposta positiva da questão 11 para ser respondida.

Resumidamente, as tabelas de análise das questões ficaram da seguinte maneira:

**Tabela 1 – Análise Geral**

	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>Sem resposta</b>
<b>QUESTÃO 1</b>	8	1	-
<b>QUESTÃO 2</b>	0	9	-
<b>QUESTÃO 4</b>	8	1	-
<b>QUESTÃO 5</b>	7	1	1
<b>QUESTÃO 6</b>	6	2	1
<b>QUESTÃO 7</b>	5	4	-
<b>QUESTÃO 8</b>	4	1	4
<b>QUESTÃO 9</b>	9	0	-
<b>QUESTÃO 10</b>	9	0	-
<b>QUESTÃO 11</b>	8	1	-
<b>QUESTÃO 12</b>	9	0	-

Fonte: Questionários aplicados

**Tabela 2 – Análise Específica da Questão 3**

	<b>PROFISSIONAL</b>	<b>PESSOAL</b>	<b>SOCIAL</b>	<b>DESCONHEÇO</b>
<b>QUESTÃO 3</b>	8	6	3	1

Fonte: Questionários aplicados

As Tabelas 1 e 2 possuem suas análises feitas em virtude de cada questão e estas são apresentadas a seguir em forma de gráfico modelo “pizza”:

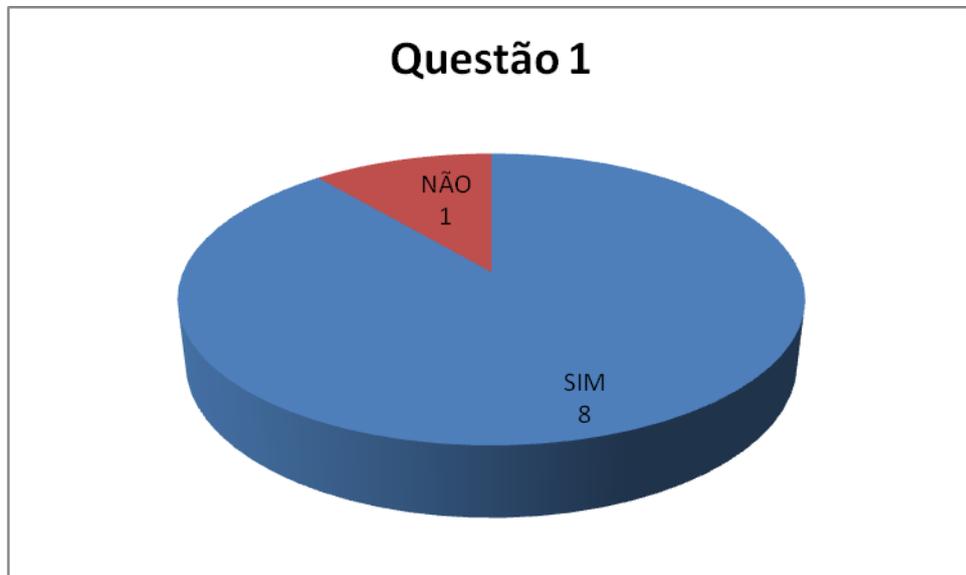


Gráfico 1 – Conhecimento do que é Inglês Instrumental

Quando perguntados na Questão 1 sobre o conhecimento do inglês instrumental, oito dos avaliados afirmaram que sabem o que é Inglês Instrumental. Todavia, na Questão 2, todos participantes assinalaram que não dominam o Inglês Instrumental.

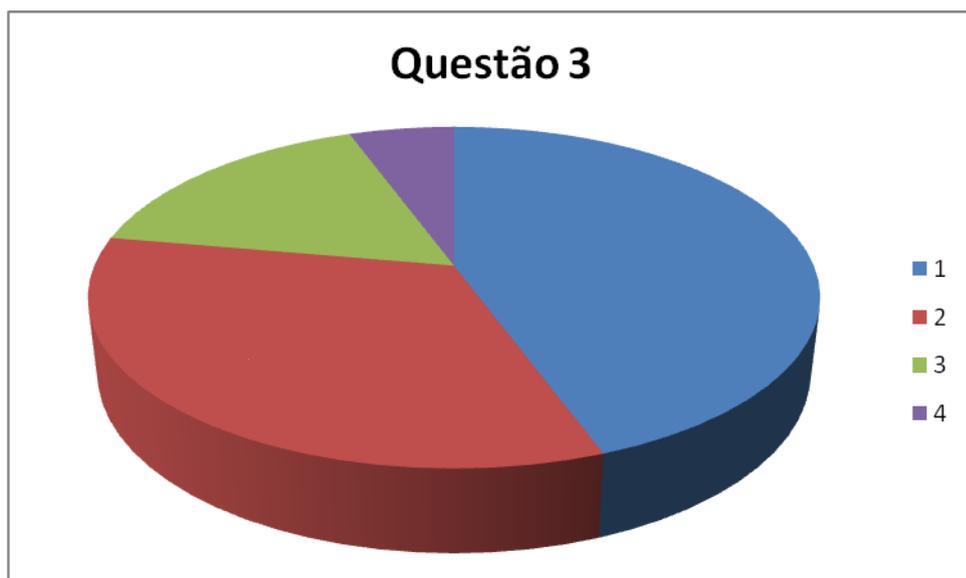


Gráfico 2 – Importância do Inglês Instrumental

Legenda: 1-Profissional; 2-Pessoal; 3-Social; e 4-Desconheço.

Os participantes foram interrogados na Questão 3 sobre a importância do Inglês Instrumental, e oito apontaram para área profissional, seis para área Pessoal, três para área social e apenas um desconhece a importância do Inglês Instrumental. Nesta questão poderia ser assinalada mais de uma opção.

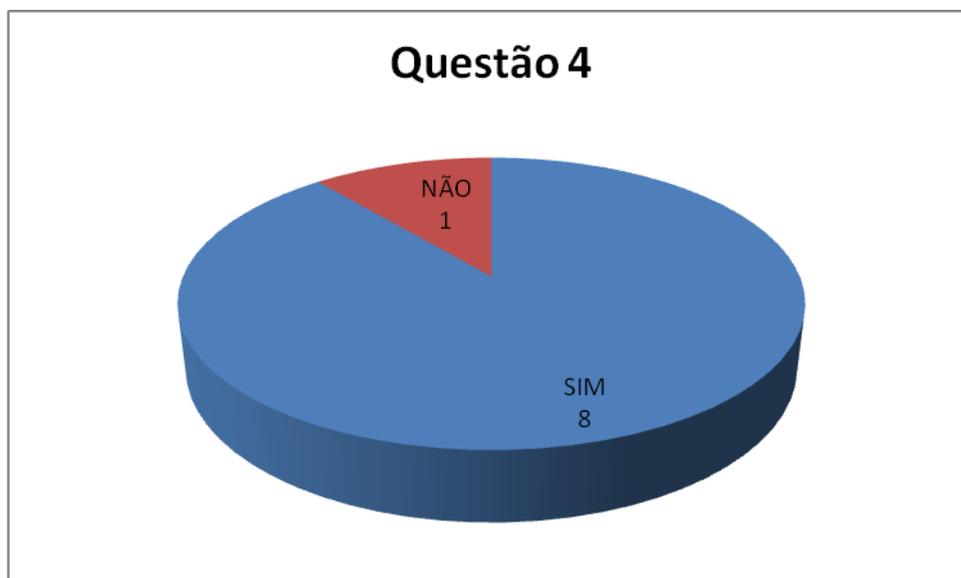


Gráfico 3 – Pesquisas em sítios, revistas ou livros escritos em inglês

Os participantes, de sua totalidade, oito assinalaram que já realizaram pesquisas em sítios, revistas ou livros escritos no idioma inglês.

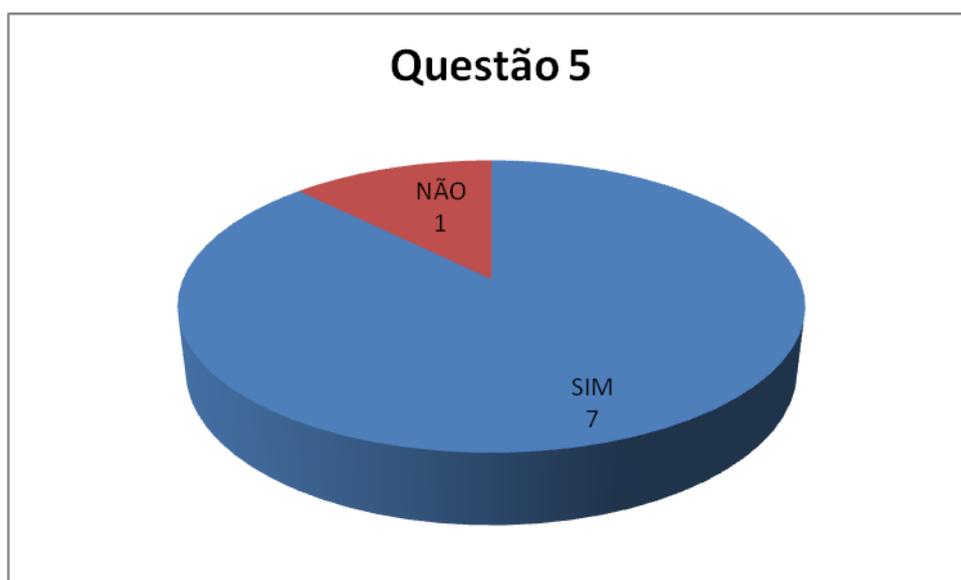


Gráfico 4 – Dificuldade para traduzir materiais de pesquisa escritos em inglês

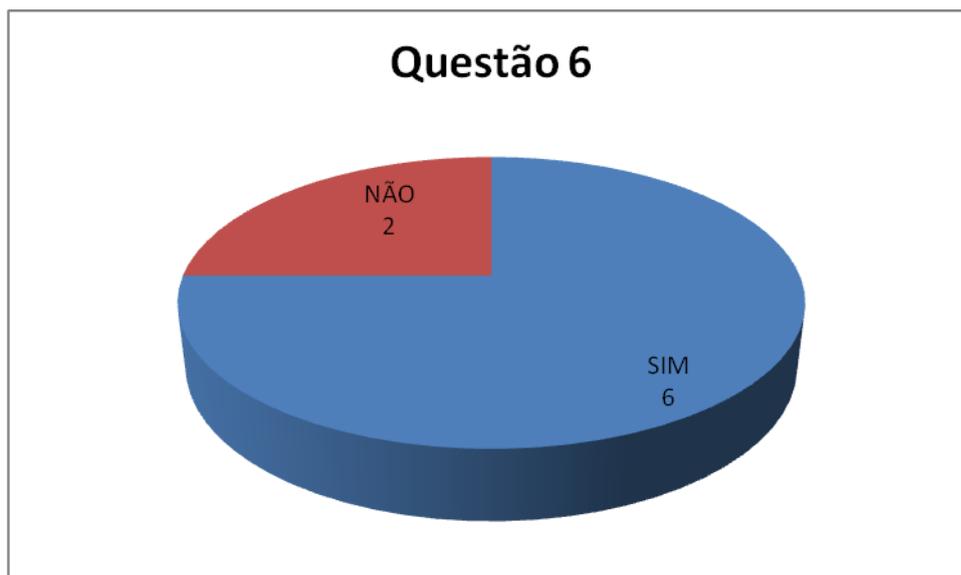


Gráfico 5 – Dividiram o conhecimento adquirido nas pesquisas com outros militares

Dos oito avaliados que pesquisaram em materiais escritos em inglês, sete tiveram dificuldade na tradução dos materiais escritos. E dos mesmos oito, seis dividiram o conhecimento adquirido nas pesquisas com outros militares.

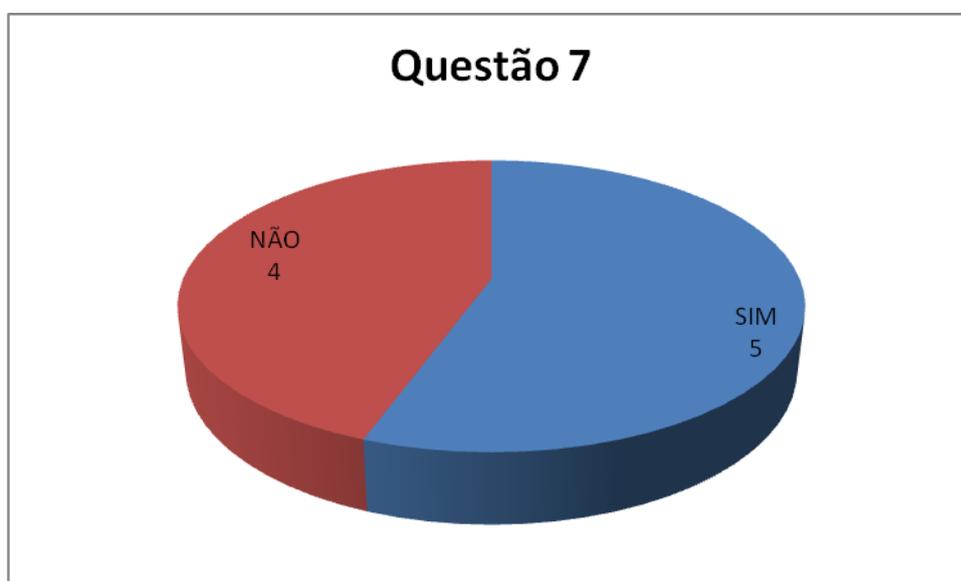


Gráfico 6 – Traduziram manuais de instrução/procedimentos escritos em inglês

Dos nove participantes, cinco já traduziram algum manual de instrução ou de procedimentos escritos em língua inglesa para o português.

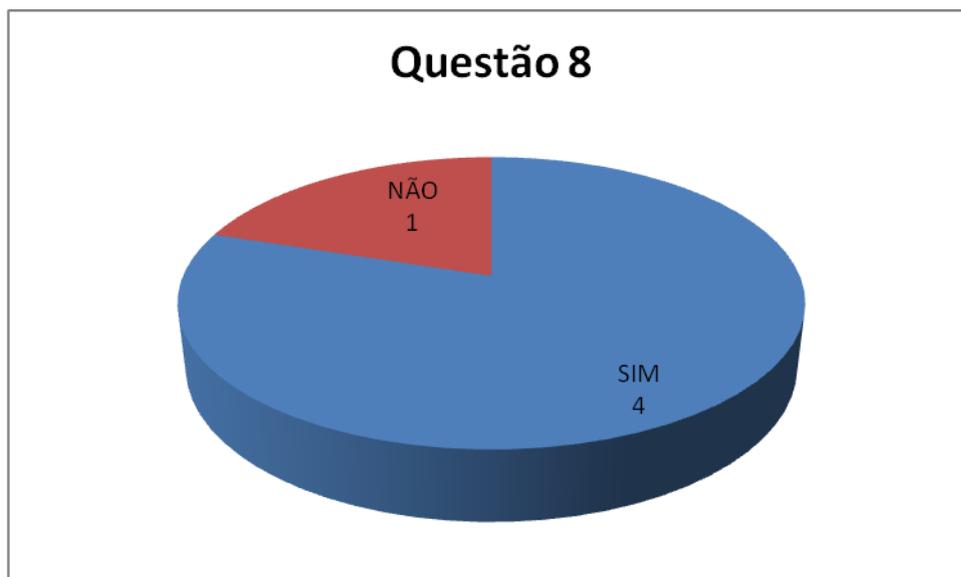


Gráfico 7 - Dividiram o conhecimento adquirido na(s) tradução(ões) com outros militares

Dos cinco que já traduziram algum manual de instrução ou procedimentos do inglês para o português, quatro dividiram o conhecimento adquirido com outros militares.

Quando perguntados na Questão 9: “Você acredita que o domínio do Inglês Instrumental poderia ser útil nas atividades fim e meio do CBMSC?”, todos os participantes apresentaram resposta afirmativa.

Na Questão 10, todos participantes assinalaram a opção “SIM” quando questionados se já necessitaram de auxílio para tradução de qualquer espécie de texto em inglês.

Todos os participantes foram a favor de serem ministradas aulas de Inglês Instrumental durante o CFO do CBMSC, ao responderem afirmativamente a Questão 11.

Quando questionados, na Questão 12, se eram a favor da inclusão do Inglês Instrumental na grade curricular do CFO do CBMSC, 100% dos participantes foram favoráveis.

## 6. INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Este tópico relata e ilustra que aparelhos e equipamentos que o CBMSC utiliza em atividades meio ou fim, estão, em sua maioria, escritos em idioma estrangeiro, principalmente em inglês.

Exemplos visíveis são as moto bombas, desencarceradores, equipamentos de APH, rádio transmissores, computadores e manuais de instrução de uso de diversos aparelhos. Este último exemplo merece um destaque dentre os demais, já que todo manual de instrução foi feito para demonstrar o uso correto do equipamento e garantir seu tempo de vida útil.

Abaixo seguem modelos fotográficos de alguns dos exemplos supra mencionados.

Foto 1: Motor do aparelho de ventilação/exaustão usado em combate a incêndio.



Fonte: do Autor.

No motor do aparelho está a indicação para que o usuário fique atento ao uso de protetor auricular, caracterizando que tal equipamento necessita de um EPI já que fornece risco auditivo, todavia a mensagem está escrita em inglês.

Foto 2: Rótulo de cuidado contido em um desencarcerador.



Fonte: do Autor.

O rótulo visualizado indica que neste desencarcerador deve ser usado fluido hidráulico a base de petróleo.

Foto 3: Desencarcerador movido à bateria.



Fonte: do Autor.

A figura acima apresenta um desencarcerador movido à bateria, que possui, escrito em inglês, cuidados com: o uso do fluido correto, manuseio, sistema liga-desliga e dados sobre a empresa responsável pelo produto.

Foto 4: Aviso de segurança para uso de uma moto bomba

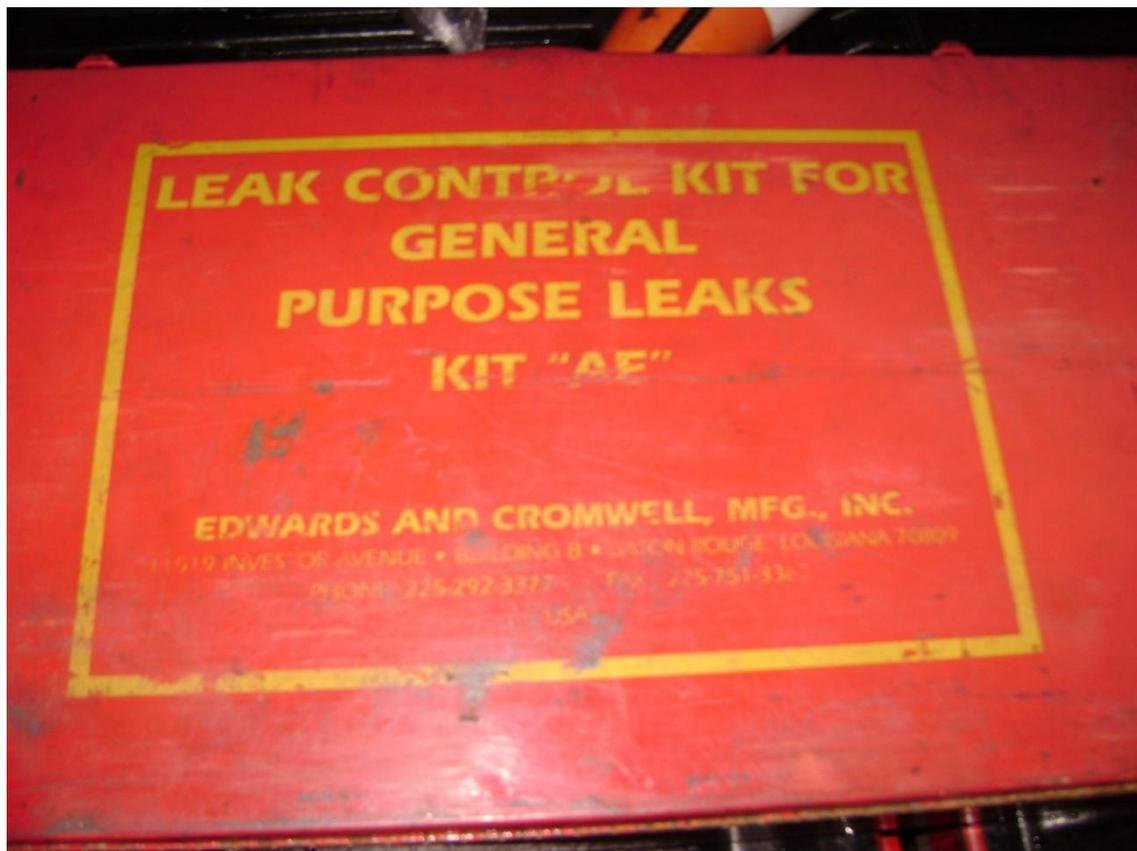


Fonte: do Autor.

O rótulo acima destaca os cuidados que o usuário deve atentar para manter sua segurança durante o uso desta moto bomba, são eles:

- Ler o manual de instruções do produto antes de operá-lo;
- Combustível inflamável. Antes de operar o equipamento deixar o aparelho ligado por 2 (dois) minutos; e
- Motores emitem monóxido de carbono, não o use em áreas fechadas.

Foto 5: Maleta contendo kit para contenção de vazamento de produtos perigosos.



Fonte: do Autor.

A maleta metálica vermelha acima guarda em seu conteúdo um conjunto de materiais usados para interromper o vazamento de produtos perigosos. O exemplo de um desses materiais possui a forma de cone. Dificilmente haveria correta tradução por alguém que não domina Inglês Instrumental.

Foto 6: Rótulo de segurança do motor do aparelho de ventilação/exaustão.



Fonte: do Autor.

O rótulo designa a leitura o manual do proprietário antes de operar o aparelho, mas o destaque da foto é que o mesmo aviso aparece escrito em inglês, francês, alemão e espanhol. Vale ressaltar ainda que o aparelho foi feito no Japão (basta prestar atenção no canto inferior direito do rótulo).

## 7. RECOMENDAÇÕES

Em virtude da globalização ficou caracterizado que os Estados Unidos impuseram aos demais países seu modo social de vida juntamente com costumes e atitudes por causa das evoluções científicas e tecnológicas, o que levou pessoas de todo mundo a buscar o domínio do idioma inglês para acompanhar estas evoluções, que persistem até os dias de hoje.

A importância do Inglês Instrumental foi posta sob visão crítica, mas principalmente voltada para o lado profissional, ou seja, o inglês com finalidade específica para cada atividade. O que caracterizou (não apenas no nome, mas também na compreensão) a correta aplicação do Inglês Instrumental, o inglês para fins específicos.

No CBMSC, não é diferente, já que seus profissionais atuam e lidam com situações que envolvem o conhecimento do inglês escrito, por menor que pareça aos olhos menos perceptivos, mas sempre o envolve. Afinal, a confecção de documentos necessita de computadores e os salvamentos e atendimentos precisam de materiais operacionais para serem realizados.

O óbvio é auto-sustentável, todavia deve ser escrito e dito no que se refere aos materiais utilizados nas atividades do CBMSC já que em grande parte estes são importados, e dificilmente seus manuais de instrução vêm escritos em português.

Também com base no questionário respondido pelos integrantes da última turma concluinte do CFO do CBMSC, foi mostrado que a grande maioria sabe o que é Inglês Instrumental, mas nenhum deles o domina. Os entrevistados apontaram em unanimidade que:

- O Inglês Instrumental é útil para atividades do CBMSC;
- Precisaram de ajuda para realizar as traduções;
- São a favor de serem ministradas aulas de Inglês Instrumental no CFO do CBMSC; e
- Concordam que a disciplina de Inglês Instrumental passe a fazer parte da grade curricular do CFO do CBMSC.

Com base no exposto neste trabalho recomendo que a disciplina de Inglês Instrumental seja incluída na grade curricular do CFO do CBMSC.

## 8. REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-Lei N° 667 de 02 de julho de 1969. Reorganiza as Polícias Militares e os Corpos de Bombeiros Militares dos Estados, dos Territórios e do Distrito Federal, e dá outras providências. **Diário Oficial da União** de 03 de Julho de 1969.

\_\_\_\_\_. Decreto-Lei N° 1.406 de 24 de junho de 1975. Altera a redação do parágrafo único do artigo 26 do Decreto-Lei n° 667, de 02 de julho de 1969, que reorganiza as Polícias Militares e os Corpos de Bombeiros Militares dos Estados, dos Territórios e do Distrito Federal. **Diário Oficial da União** de 25 de Junho de 1975.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA. Portaria N° 119/CBMSC/2006 de 08 de junho de 2006. Instruções gerais para ensino e pesquisa no âmbito do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina. **Instrução Geral**, Florianópolis, 19 abril 2006, n.40-01-BM. Disponível em: <[http://www.cb.sc.gov.br/ccb/densino/doc\\_2007/Portaria\\_Indice\\_Titulo\\_I\\_da\\_IG40\\_01.pdf](http://www.cb.sc.gov.br/ccb/densino/doc_2007/Portaria_Indice_Titulo_I_da_IG40_01.pdf)>. Acesso em: 28 fevereiro 2008.

CRUZ, Décio T. Ensino/aprendizagem de inglês instrumental na universidade. **New Routes**. São Paulo, v. 15, n. 15, p. 30-33, 15 novembro 2001.

EXÉRCITO BRASILEIRO. Academia Militar das Agulhas Negras. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.exercito.gov.br/06OMs/Escolas/aman/indice.htm>>. Acesso em: 18 fevereiro 2008.

\_\_\_\_\_. Academia Militar das Agulhas Negras. **Missões**. Disponível em: <<http://www.exercito.gov.br/06OMs/Escolas/aman/indice.htm>>. Acesso em: 18 fevereiro 2008.

FONSECA, Paulo. Inglês Instrumental: desmistificando alguns recursos de leitura. **Hórus – Revista de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas**. Ourinhos, São Paulo, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://64.233.169.104/search?q=cache:OdSUrSYgZRAJ:www.faeso.edu.br/horus/artigos%2520anteriores/2005/Artigo%2520Paulo%2520Fonseca.pdf+inGL%C3%8AS+INSTRUMENTAL+o+que+%C3%A9%3F&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=79&gl=br>>. Acesso em 23 fevereiro 2008.

INSTITUTO BRITÂNICO DE LÍNGUAS. Inglês Instrumental para leitura. **Jornal IBL School**, Londrina, 28 junho 2004. Disponível em: <[http://www.iblschool.com.br/materias/vernews.asp?cod\\_noticia=60](http://www.iblschool.com.br/materias/vernews.asp?cod_noticia=60)>. Acesso em 25 fevereiro 2008.

MOREIRA, Christina. Inglês Instrumental. **A necessidade do conhecimento da língua inglesa.** [S.I.] 29 setembro 2007. Disponível em: <<http://ingles-instrumental.blogspot.com/>>. Acesso em 20 fevereiro 2008.

MORR, Anne Marie; CASTRO, Rafael Vetromille de; COSTA; Giordana Pozza. **O ensino colaborativa na formação do professor de Inglês Instrumental.** [Pelotas], [2. sem. 1999]. Disponível em: <[http://www.ufpel.tche.br/ila/bmt/texto\\_enple.htm#\\_ftn1](http://www.ufpel.tche.br/ila/bmt/texto_enple.htm#_ftn1)>. Acesso em 25 fevereiro 2008.

NARDI, Nádia. Como surgiu o projeto Inglês Instrumental no Brasil. **Voz das letras.** Concórdia. Santa Catarina, n. 3, 2. Sem. 2005. Disponível em: <<http://www.nead.uncnet.br/2007/revistas/letras/3/2.pdf>>. Acesso em 19 fevereiro 2008.

NEVES, Raquel A.E. **O que é Inglês Instrumental,** [Goiânia], [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <<http://www2.ucg.br/flash/artigos/OQueInglesInstrumental.PDF>>. Acesso em 26 fevereiro 2008.

PAGASNOTTO, Emery M. M. **O Inglês Instrumental.** Descalvado, SP, [s.n.], 21 fevereiro 2008. Disponível em: <[http://www.unicastelo.br/2007/site/noticias/?id\\_categoria=2&id\\_noticia=500](http://www.unicastelo.br/2007/site/noticias/?id_categoria=2&id_noticia=500)>. Acesso em 26 fevereiro 2008.

RECLA, Adriana. Inglês Instrumental: Pré-requisito indispensável à formação do engenheiro químico. **Revista Educação e Tecnologia,** Aracruz, ES; ano 1, n. 2, out./mar. 2006. Disponível em <[http://64.233.169.104/search?q=cache:FukAGOHplv0J:www.fsjb.edu.br/uniaracruz/edutec/2005\\_2/artigos/edutec\\_adriana\\_ingles\\_instrumental\\_2005\\_2.pdf+ingL%C3%8AS+INSTRUMENTAL+o+que+%C3%A9%3F&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=94&gl=br](http://64.233.169.104/search?q=cache:FukAGOHplv0J:www.fsjb.edu.br/uniaracruz/edutec/2005_2/artigos/edutec_adriana_ingles_instrumental_2005_2.pdf+ingL%C3%8AS+INSTRUMENTAL+o+que+%C3%A9%3F&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=94&gl=br)>. Acesso em 25 fevereiro 2008.

SANTA CATARINA. LEI Nº 6.218, de 10 de fevereiro de 1983. Dispõe sobre o Estatuto dos Policiais Militares do Estado de Santa Catarina, e dá outras providências. **Diário Oficial** 12.152 de 11 de fevereiro de 1983.

SEDYCIAS, João. **O que é Inglês Instrumental.** Breve história do ensino do inglês instrumental no Brasil. [S.I.], 2002a. Disponível em: <[http://www.sedycias.com/instrument\\_01e.htm](http://www.sedycias.com/instrument_01e.htm)>. Acesso em 19 fevereiro 2008.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Pesquisa e Plano de Trabalho.** Gramática Instrumental da Língua Inglesa. Recife, 09 novembro 2002b. Disponível em: <[http://www.sedycias.com/projeto\\_03.htm](http://www.sedycias.com/projeto_03.htm)>. Acesso em 21 fevereiro 2008.

VIAN JR., Orlando. Inglês Instrumental, Inglês para Negócios e Inglês Instrumental para Negócios. **DELTA: Documentação de Estudo em Linguística Teórica e Aplicada**. São Paulo, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000300017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300017)>. Acesso em 19 fevereiro 2008.

VIEIRA, Lilian Cavalcanti Fernandes, **Projeto ensino de Inglês Instrumental**. Fortaleza: L. C. Fernandes Vieira, 2002, p. 5.

## APÊNDICE “A” - Questionário

Questionário aplicado aos militares formados na última turma do Curso de Formação de Oficiais (CFO) do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina (CBMSC).

Este questionário contém 10 (dez) questões e suas respostas serão utilizadas como amostragem para o Trabalho de Conclusão de Curso do Cadete BM Mat. 863131-0 Cléber. Os nomes dos militares constarão apenas para controle do Cadete interessado e não serão divulgados após a utilização do questionário.

Em caso de dúvidas o Cadete interessado estará acessível pelos emails:

[cleber@cb.sc.gov.br](mailto:cleber@cb.sc.gov.br) e [somosfilhos@yahoo.com.br](mailto:somosfilhos@yahoo.com.br)

Questão 1 – Você sabe o que é Inglês Instrumental?

(  ) SIM (  ) NÃO

Questão 2 – Você domina Inglês Instrumental?

(  ) SIM (  ) NÃO

Questão 3 – Qual(is) vantagem(ns) você vê em dominar o Inglês Instrumental?

(  ) Profissional (  ) Social

(  ) Particular (  ) Desconheço

Questão 4 – Você já pesquisou em sítios, revistas ou livros que estavam escritos em inglês?

(  ) SIM (  ) NÃO

Se sua resposta da Questão 4 tiver sido SIM, vá para as Questões 5 e 6 e depois para Questão 7, mas se a resposta da Questão 4 tiver sido NÃO, vá direto para a Questão 7.

Questão 5 – Quando você pesquisou em sítios de língua inglesa, você teve alguma dificuldade para traduzir?

(  ) SIM (  ) NÃO

Questão 6 – Você dividiu o conhecimento adquirido na(s) pesquisa(s) com outros militares?

SIM

NÃO

Questão 7 – Você já traduziu algum manual de instrução ou de procedimentos operacionais em língua inglesa para o português?

SIM

NÃO

Se sua resposta da Questão 7 tiver sido SIM, vá para a Questão 8, depois para Questão 9, mas se a resposta da Questão 7 tiver sido NÃO, vá direto para a Questão 9.

Questão 8 – Você dividiu o conhecimento adquirido na(s) tradução(ões) com outros militares?

SIM

NÃO

Questão 9 – Você acredita que o domínio do Inglês Instrumental poderia ser útil nas atividades fim e meio do CBMSC?

SIM

NÃO

Questão 10 – Você já necessitou de auxílio para tradução de qualquer espécie de texto escrito em inglês?

SIM

NÃO

Questão 11 – Você é a favor de serem ministradas aulas de Inglês Instrumental durante o CFO do CBMSC?

SIM

NÃO

Se sua resposta da Questão 11 tiver sido SIM, vá para Questão 12 e em seguida encerre este questionário, mas se a resposta da Questão 11 tiver sido NÃO, encerre o questionário agora.

Questão 12 – Você é a favor da disciplina de Inglês Instrumental ser incluída na grade curricular do CFO do CBMSC?

SIM

NÃO

Após encerrar este questionário, enviar as respostas para o Cad BM Cléber via email ou entregar no Centro de Ensino Bombeiro Militar, localizado na Avenida Lauro Linhares, 1213, Trindade, Florianópolis – SC, CEP 88036-003.